



**NOVO "PROFESSOR"** O novo técnico dos Penguins, Michel Therrien, explica o que quer do time em seu primeiro treino

# Será que com esse vai?

Por ALEXANDRE GIESBRECHT

Michel Therrien é o 19.º técnico dos Penguins desde que o time foi fundado, em 1967. Não é um número tão alto assim, especialmente se compararmos com técnicos do futebol brasileiro — como meu chapéu se o Flamengo, por exemplo, teve menos de 38 técnicos nesses 38 anos —, mas comparando com os outros times da cidade a coisa muda de figura.

Os Pirates, da liga de beisebol, tiveram apenas nove técnicos nesses mesmos 38 anos. Já os Steelers, da liga de futebol americano, tiveram menos ainda: apenas três. Isso mesmo, três.

Ou seja, só na última década, os Penguins tiveram mais técnicos (seis, sem contar Therrien) que os Steelers em quase quatro décadas. E esses seis não

tinham lá tanta coisa assim em comum. Quatro eram ex-jogadores da NHL (Ed Johnston, Ivan Hlinka, Rick Kehoe e o recém-demitido Eddie Olczyk); dois, não (Kevin Constantine e Herb Brooks). Três tinham experiência anterior como técnicos na liga (Johnston, Constantine e Brooks); três, não. Um aprendeu o jogo na Euro-

pa (Hlinka), três no Canadá (Johnston, Kehoe e Olczyk) e dois nos EUA (Constantine e Brooks). Dois tinham campanhas acima de 50% quando foram demitidos (Johnston e Constantine); quatro, não.

Agora chegou o sétimo técnico dos últimos dez anos, Therrien. Como ele se encaixa nas divisões citadas? Nunca

chegou à NHL como jogador, tinha experiência anterior como técnico na NHL e aprendeu o jogo no Canadá. Se, quando ou com que campanha ele será demitido ainda não é possível saber.

Entre os técnicos citados, o que tem o estilo mais parecido com o de Therrien é Constantine, que nunca chegou a voltar à NHL, mas ficou famoso em Pittsburgh e em San Jose por exigir sempre o máximo de

seus jogadores e também por submetê-los a intermináveis sessões de vídeo com jogos anteriores, destacando com ênfase os erros.

Therrien não deverá recorrer com tanta frequência ao vídeo, mas costuma destacar os erros do time, até publicamente, como costumava fazer em Wilkes-Barre, terra do time de baixo dos Penguins, que ele estava levando à quase perfeição na AHL, com

uma campanha de 21-1-2-1.

Para um time de que se esperava muito mas pouco tem conseguido em termos de resultados, o “homem que usa o chicote”, como definiu o jornal *Pittsburgh Post-Gazette*, parece ser a pessoa certa para o trabalho. Um bom sinal disso é que praticamente todos os jogadores que trabalharam com ele em Wilkes-Barre acreditam que ele foi uma boa es-

colha. Um sinal melhor ainda é que o técnico a que ele substituiu pensa da mesma maneira.

“Ele vai fazer um grande trabalho”, opina Olczyk. “Ele tem um grande conhecimento.”

Não que Olczyk não tivesse, claro. Mas Therrien vai encarar seu novo trabalho de forma diferente que seu antecessor. Olczyk sempre lidou com seus jogadores de forma afável, chamando a responsa-

## DE MUDANÇA?

# Para onde, Pens?

Por ALAN MUIR/SI.com

A situação em Pittsburgh parece difícil quando se ouve as palavras do dono e capitão do time, Mario Lemieux, que na semana passada disse que havia apenas “uma pequena chance” de a franquia ficar na cidade quando seu contrato com o estádio vencer, no fim da próxima temporada.

Palavras duras, mas isso não significa que já é hora de mandar fazer camisas do Houston Penguins. Ainda não, pelo menos.

Lemieux está chate-

ado. Compreendo por quê. Ele não poderia imaginar que passar pela burocracia local e estadual seria mais frustrante que ser alvejado por cinco defensores empunhando tacos como machados na frente de um juiz deficiente visual. Mas não estou convencido de que isso não foi apenas um disparo em alto volume nesta batalha interminável.

Sim, as finanças vão mal — um prejuízo previsto para a casa dos US\$ 7 milhões por temporada ainda que os

Penguins cheguem à segunda fase dos playoffs. A falta de progresso no projeto de um novo estádio significa que esse prejuízo vai continuar a se amontoar por mais quatro ou cinco anos se o time ficar. Então os donos não podem ser culpados por considerar outras opções.

Mas ainda resta uma chance de manter os Pens em Pittsburgh. Apenas se a política local fizer virar a cabeça de um observador de fora como eu, mas essas pessoas entendem de dinheiro melhor que qualquer um. E, depois de sentir o impacto econômico de perder o time por uma temporada durante o locaute (alguns calculam prejuízo de

até US\$ 104 milhões), eles provavelmente reconhecem a importância de manter os Pens na cidade.

Como resultado, declarou Pittsburgh favorita a 2:1 para manter os Penguins.

Claro, há muitas outras cidades com a infraestrutura, a população e a base corporativa para apoiar um clube relocado. Se a situação piorar em Pittsburgh, aqui estão as favoritas:

### **Kansas City** (5:1)

**Prós:** Um estádio pronto para a NHL, o Sprint Center, será inaugurado em 2007, a tempo para os Pens se mudarem. Com tantos espaços na agenda para preencher, eles provavelmente ofe-

bilidade — e, muitas vezes, a culpa — para si, ao invés de expor seus jogadores. Therrien, por outro lado, é tão agradável quanto um pit bull com dor de

dente quando algum de seus comandados faz alguma jogada errada ou tem um lapso mental.

“Ele exige muito de todo mundo”, lembra o ponta Matt Murley, que

foi treinado por Therrien na AHL por dois anos. “Se você não fizer o que ele espera, ele vai avisá-lo.”

A armadilha da zona neutra é um dos pilares do sistema de jogo que Therrien pretende implantar em Pittsburgh, mas jogadores que trabalharam com ele em Wilkes-Barre são rápidos ao afirmar que o técnico não vê o esquema como apenas defensivo. Para ele, chances de

ataque podem ser criadas com esse sistema.

“Nós vamos marcar em todo o gelo”, explica Murley. O sistema também é ofensivo, porque vamos forçar erros do adversário. Quando conseguimos isso, com o talento que temos, ele nos dá liberdade no ataque.”

Therrien herdou um time com campanha de 8-17-6, pior na Conferência Leste e 13 pontos atrás do oitavo colocado



**A torcida de Pittsburgh pode estar perdendo os Pens**

receriam a Mario e seus sócios a melhor das ofertas. De acordo com fontes locais, 60 dos 72 camarotes já foram vendidos, assegurando uma fonte de receita bastante lucrativa para os proprietários do estádio. Uma franquia em

KC teria uma rivalidade natural com os Blues e seria um sonho geográfico, localizado a menos de uma hora de vôo de seis times. KC também é um dos melhores mercados televisivos para a NHL entre as cidades sem times.

**Contras:** O hóquei já fracassou aqui antes (KC Scouts, 1974-76), com apenas 2 mil carnês de ingressos vendidos no último ano. Os Blades, da IHL, encerraram atividades em 2001 e uma tentativa de franquia na UHL fracassou abominavelmente na temporada passada.

**Afinal de contas:** Uma franquia em KC teria apoio corporativo e do governo, mas teria também apoio da torcida? Podemos ter a resposta a essa pergunta logo — se os Pens se mudarem, tudo indica que este é o destino mais provável.

### **Houston** (8:1)

**Prós:** Como quarto maior mercado nos EUA, Houston seria a esco-

lha da liga. Uma grande torcida em potencial, recheada de migrantes vindos do norte é promissora, assim como a receita em potencial de vendas de anúncios locais. O hóquei tem uma longa história na cidade, da WHA à IHL e à AHL. Há várias opções se os Pens quiserem envolver donos locais, incluindo Les Alexander, dono do Toyota Center. Também poderia ser desenvolvida uma rápida rivalidade com o Dallas, que pode ajudar a vender o esporte localmente.

**Contras:** Depois de Atlanta, este deve ser o mercado esportivo mais calmo do país. Como há tantos recém-chegados à cidade, eles tendem a não se apegar aos times

na conferência. A situação não melhorou muito nos dois jogos em que Therrien comandou os Penguins: duas derrotas para os Sabres por 4-3, sendo uma na prorrogação. Agora, a campanha está em 8-18-7, o time não está mais em último na conferência (está um ponto à frente dos Caps), mas a distância para o oitavo colocado aumentou para 14 pontos.

Aos 42 anos, Therrien se considera um pragmático — “Não sou um sonhador, sou um cara com os pés no chão.” — e se recusou a prever se os Penguins conseguirão voltar ao bolo dos que brigam por uma vaga nos playoffs.

Não se sabe ainda se os rumos do time vão mudar, mas a rotina, pelo menos, já mudou. Até a semana passada, quando o time treinava

no Island Sports Center, em Neville Island, a poucos quilômetros de Pittsburgh, cada jogador ia direto para lá, trocava-se para o treino, treinava, trocava-se de novo e voltava para casa.

Desde que Therrien assumiu, quando o time tem treino marcado para o Island Sports Center o “script” mudou para: dirigir até a Mellon Arena, casa do time, trocar-se,



## SEM JUSTA CAUSA

*O demitido Eddie Olczyk tinha um temperamento afável, ao contrário do que a foto acima demonstra*

locais. Mais importante, o hóquei tem tido altos e baixos no sul.

**Afinal de contas:** Houston tem os meios, o apoio e a população, tornando-se a segunda melhor aposta.

### **Milwaukee** (25:1)

**Prós:** Como Minnesota, Wisconsin é um estado do hóquei. Provavelmente apoiaria um time profissional em Milwaukee do mesmo jeito que St. Paul abraçou o Wild. Este é um mercado entre os 20 maiores e tem o Bradley Center, cuja capacidade para jogos de hóquei é de mais de 17 mil pessoas, pronto para ocupação imediata. **Contras:** Uma suavidade geral sugere que acabaríamos com uma nova versão do que ocorreu em Pittsburgh.

**Afinal de contas:** Como não há um burburinho real por lá a respeito da mudança dos Penguins, Milwaukee deve estar confortável como cidade de liga menor.

### **Oklahoma City** (30:1)

**Prós:** Esta é uma cidade prestes a ser de uma liga importante. OKC tem um estádio construído pronto para a NHL (o Ford Center) e está no topo da lista de relocação da liga profissional de basquete, graças à recepção que a cidade deu ao flagelado New Orleans Hornets. E ainda tem um histórico de grande apoio aos Blazers, da CHL.

**Contras:** Pequena população (1,1 milhão) e reputação de liga menor.

**Afinal de contas:** Alguma liga vai arriscar nesta cidade e se dar bem.

Só que há opções mais viáveis para os Pens considerarem.

### **Winnipeg** (45:1)

**Prós:** Fanática por hóquei, a cidade esgotaria os ingressos para todos os jogos cerca de cinco minutos depois de começadas as vendas. O teto salarial resolve a maioria dos problemas que levaram à partida dos Jets em 1996.

**Contras:** O MTS Centre, aberto no ano passado, tem capacidade de apenas 15 mil pessoas em jogos de hóquei e apenas 46 camarotes, muito pouco para um clube moderno na NHL. A falta de patrocinadores corporativos viáveis também é um problema.

**Afinal de contas:** Seria maravilhoso ver a NHL de volta a Winnipeg, mas

os políticos locais arruinaram as chances ao construir um estádio de calibre de liga menor.

### **Portland** (50:1)

**Prós:** Uma arena do calibre da NHL como o Rose Garden e apenas um time (os Trail Blazers, de basquete) para competir pela atenção local.

**Contras:** De fora, parece um belo mercado, mas alguém já detectou algum vestígio de interesse por parte da população?

**Afinal de contas:** Uma das cidades dos sonhos da NHL desde que Gary Bettman assumiu, mas Portland já não atendeu ao chamado antes. Provavelmente há uma boa razão para isso.

### **Quebec City** (75:1)

**Prós:** Uma cidade cujo orgulho foi ferido pela

embarcar em um ônibus fretado com destino ao local de treinamento, treinar, voltar ao ônibus para o retorno à Mellon Arena, fazer um condicionamento fora do gelo por lá e, finalmente, voltar para casa.

Ele pede muito de seus jogadores, mas garante que não é nada de absurdo, não mais do que eles possam dar.

“Eu não exijo que um cara marque dois gols

ou três gols”, explica. “O que eu exijo é que, se você tem um dólar no bolso, você me dê um dólar. Se tudo o que você tiver forem 50 centavos, dê-me seus 50 centavos, e estará tudo bem.”

É, parece que a vida mansa acabou.

Espera-se que a fase de derrotas também tenha acabado.

### **Mundial de Clubes**

Não, aqui o assunto não

é mais hóquei. Mas um feito como o título conquistado pelo São Paulo no Japão, com a vitória por 1-0 sobre o Liverpool, não poderia passar em branco. A foto abaixo é a minha homenagem ao mais novo tricampeão mundial de clubes de futebol. Como torcedor, valeu por uma Copa



Stanley, sem dúvida alguma.

*Alexandre Giesbrecht, 29 anos, ficou absolutamente eufórico com o título mundial do São Paulo.*

despedida dos Nordiques adoraria mais uma chance de ter a NHL. Políticos locais ofereceriam inúmeras cortesias para atrair uma franquia de mudança.

**Contras:** O estádio ultrapassado foi um dos motivos por que os Nordiques partiram em 1995 e ele não ficou melhor por um passe de mágica nesse ínterim. Adicione o pequeno tamanho do mercado e tem-se uma candidatura natimorta.

**Afinal de contas:** Uma escolha romântica facilmente apoiada pelo coração, mas que seria fuzilada pelo cérebro.

### **Toronto** (100:1)

**Prós:** Se uma estufa como Los Angeles pode agüentar dois times, por que não Toronto? A cidade tem tudo de que um

time precisa, incluindo torcida em potencial, atenção da mídia e oportunidades corporativas.

**Contras:** Leafs e Sabres bloquearam cada tentativa anterior de se colocar um time em Hamilton, Ontário. Não há por que acreditar que eles deixariam este time — especialmente um que tem o ímã de manchetes Sidney Crosby — se instalar no quintal local. Mesmo que deixassem, é difícil acreditar que a torcida dos Leafs, talvez a mais apaixonada do hóquei, amaria de verdade outro time, ainda que os ingressos deste fossem mais fáceis de se adquirir.

**Afinal de contas:** Imagine que estamos no Dia de São Nunca, e Sabres e Leafs aprovem a mudança. Ainda não há

um estádio viável nem chance alguma de financiamento público para construir um.

### **Hamilton** (100:1)

Ver Toronto.

### **Las Vegas** (-)

**Prós:** Cidade em crescimento acelerado, que ama esportes e tem espírito empreendedor, recheada de habitantes jovens e ativos — exatamente o tipo de população que apoiaria um time profissional. Há um estádio paliativo pronto (o Thomas & Mack Center), que seria apropriado para um período de transição, mas é bom destacar que essa cidade é bastante empreendedora. Provavelmente, os locais poderiam fechar negócio e construir um estádio preparado

para a NHL, com todo o conforto, mais rápido que um jogo de caça-níqueis.

**Contras:** Muita competição por parte de outras formas de entretenimento podem tornar o hóquei difícil de vender. Mais importante, o Comitê Gestor da liga nunca aprovaria uma mudança para cá. A influência do jogo é uma grande preocupação.

**Afinal de contas:** É possível que um dia a NHL aprove uma franquia aqui, mas nunca antes de outra liga profissional abrir um precedente. Então, ao menos aqui as apostas estão fechadas.

*Alan Muir escreve para o site SI.com. Texto traduzido por Alexandre Giesbrecht.*